

POLÍTICA

Simon teme acordo pró-ACM

Da Agência Estado

O senador Pedro Simon (PMDB-RS) disse ontem sentir “cheiro de um acordo” na sindicância aberta no Conselho de Ética do Senado para investigar o suposto envolvimento do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) nas escutas telefônicas ilegais realizadas na Bahia. Simon atribui sua desconfiança a uma série de fatos que indicam a intenção do gover-

no de “abafar” o caso com o apoio do PSDB, PFL e PMDB. Os três partidos, lembrou Simon, tinham decidido só discutir a abertura de sindicância no Senado após a conclusão do inquérito da Polícia Federal sobre o caso.

Na avaliação do senador, os petistas só não apoiaram a essa atitude publicamente para não sofrer desgaste. “O PT quer manter a imagem, mas ao mesmo tempo tem medo da briga mais tarde”, disse Simon, referindo-se à neces-

sidade do partido de obter os votos do PFL na votação das reformas. Os líderes petistas Tião Viana (AC) e Aloizio Mercadante (SP) negaram a existência de acordo e garantiram que o objetivo do partido é levar até o fim a apuração sobre o escândalo dos grampos na Bahia.

Outro alvo de Simon é o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), que o colocou na segunda suplência do Conselho de Ética, embora tenha sido ele um dos poucos a pedir para ser indi-

cado para o órgão. O senador gaúcho afirmou que, apesar disso, vai trabalhar com todo o empenho na sindicância, pedindo até mesmo a realização de depoimentos que julgue importantes.

Simon criticou a disposição do relator do caso dos grampos, Geraldo Mesquita (PSB-AC), de basear seu trabalho nos depoimentos colhidos pela Polícia Federal. “Uma coisa é o inquérito policial, outra coisa é a investigação ética que fazemos”, alegou.